

MEMÓRIAS DE UM ETNÓLOGO AMAZÔNIDA: A trajetória de Edson Diniz por meio de seu Acervo pessoal

MEMORIES OF AN AMAZONIAN ETHNOLOGIST: Edson Diniz's Journey Through His Archive

João Vitor Corrêa DINIZ¹
Iane Maria da Silva BATISTA²
Gilberto Gomes CÂNDIDO³

Resumo: Edson Soares Diniz foi um etnólogo indigenista amazônida, que atuou na Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP) e no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), estudando grupos indígenas na linha de fricção étnica, contribuindo para os estudos em antropologia brasileira e amazônica. Ao longo de sua trajetória produziu “memórias de si” registradas e evidenciadas pelo seu acervo pessoal, por meio do qual este artigo apresenta aspectos biográficos de sua vida e obra. Os documentos conectam sua trajetória individual à memória coletiva, ao incluir registros de instituições em que atuou e/ou estudou, da interlocução com colegas etnólogos e materiais relacionados a seus objetos de pesquisa. Evidencia-se, que ao “arquivar” sua vida, produziu registros de si, mas, também, memórias da ciência antropológica na Amazônia brasileira.

Palavras-chave: Acervo Pessoal. Edson Diniz. Antropologia. Amazônia. Biografia.

Abstract: Edson Soares Diniz was an indigenous ethnologist amazonian, which was held at the Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP) and the Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), studying indigenous groups along the line of ethnic friction, contributing to studies at Brazilian and Amazonian anthropology. Throughout his trajectory, produced “memories of himself” recorded and evidenced in his personal collection, which this article presents the biographical aspects of his life and work. Documents connect his individual trajectory to collective memory, including records of institutions where he worked and/or studied, his dialog with fellow ethnologists, and materials related to his research objects. It is evident that by “archiving” his life, he produced not only records of himself but also memories of anthropological science in the Brazilian Amazon.

Keywords: Personal Collection. Edson Diniz. Anthropology. Amazon. Biography.

Introdução

O reconhecimento da narrativa biográfica como instrumento de

¹Doutorando em Ciência da Informação na Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: joaovitorcorrea@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3744-6770>.

²Doutora em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: iane@ufpa.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5940-2408>.

³Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). E-mail: ggcandido@ufpa.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8301-0383>.

compreensão de processos históricos inscreve-se nos movimentos de renovação da historiografia contemporânea (Priore, 2009; Avelar, 2007; Gomes, 2004). Diversas fontes, textuais ou não, têm se desvelado diante desse renovado objeto de investigação histórica, suscitando discussões teórico- metodológicas referentes à sua guarda, manuseio e interpretação historiográfica. A par das “armadilhas” das pesquisas com o gênero biográfico (Schwarcz, 2013), propõe-se apresentar, nos limites deste artigo, a vida e obra de um intelectual atuante em uma região historicamente subalternizada, anunciada como vazia de gente e de técnica e por conseguinte, objeto de inúmeras iniciativas de “integração nacional” na segunda metade do século XX: a Amazônia brasileira (Batista, 2021). O acervo pessoal construído por Edson Diniz, protagonista dessa narrativa, sobretudo os documentos resultantes de sua atuação como etnólogo junto a comunidades indígenas, é revelador dos equívocos daquele discurso.

Acervos pessoais são formados por documentos acumulados por indivíduos, no exercício das mais diversas atividades, ao longo de sua vida. Dentre esses documentos incluem-se os referentes às obrigações sociais das pessoas, como: registros civis de nascimento, casamento e óbito; comprovantes de imposto de renda; diplomas, e relacionados à intimidade e sentimentalidade do indivíduo, como, por exemplo, cartas, diários, bilhetes e fotografias (Camargo, 2009). No acervo de Edson Diniz, além de registros afetivos de sua vida pessoal, encontram-se diversos documentos relacionados a sua atuação profissional como etnólogo na Amazônia brasileira na segunda metade do século XX.

A narrativa deste artigo, em uma perspectiva biográfica e interdisciplinar, descreve brevemente aspectos de sua trajetória profissional e pessoal, apresentando parte da documentação recuperada e selecionada de seu acervo, destacando elementos que denotam suas vivências como fragmentos de uma memória coletiva da ciência etnológica na Amazônia (Pinheiro, 2006). Desse modo, justifica-se a pertinência da pesquisa para a História, ao recuperar as memórias de um indivíduo inserido em um contexto de produção científica; para a Ciência da Informação, ao dialogar com as especificidades de um arquivo pessoal e para os estudos antropológicos, devido ao potencial informativo de seu acervo sobre a etnologia brasileira e a diversidade cultural do país.

O acervo de Edson Diniz resulta do empenho pessoal e sistemático de salvaguardar-se em cada documento, delineando, assim, o que Artieres (1998, p. 11) denomina como “prática de arquivamento do eu”, a qual evocaria uma intenção

autobiográfica. Segundo seus familiares, Edson referenciava o potencial de seu acervo documental como uma importante fonte de informações sobre suas produções acadêmicas e sobre suas relações interpessoais envolvendo familiares, colegas de trabalho, comunidades estudadas e figuras proeminentes no cenário antropológico nacional e internacional.

De acordo com Gomes (2004), as práticas de produção de si envolvem um conjunto diversificado de ações, desde as mais diretamente ligadas à elaboração de registros pessoais sobre si como autobiografias e diários, até a produção de uma “memória de si”, efetuada pelo recolhimento e acumulação de objetos materiais, como fotografias, cartões postais e outros objetivos do cotidiano, com ou sem a intenção de formar coleções. Na pesquisa realizada no acervo de Edson identificou-se uma variedade de espécies documentais relacionadas ao seu fazer profissional como etnólogo indigenista na Amazônia brasileira entre as décadas de 1960 e 1990, a saber: cadernos de campo, artigos e livros publicados, mapas, artefatos etc. Estes documentos dividem espaço com os registros de sua vida pessoal: cartas, diplomas, fotografias, entre outros.

Esses registros, além de conterem dados intrínsecos às suas funções, sejam como documentos de identificação, ou de comunicação, por exemplo: certificados, mapas, recortes de jornais, também possibilitam acesso às informações extrínsecas, revelando os contextos de suas produções e intertextualidades, entre os diferentes documentos e objetos presentes no acervo.

Apesar de não ter produzido uma autobiografia, a acumulação desses materiais e a verbalização por Edson, ainda em vida, de que um de seus descendentes se responsabilizasse pelo acervo após sua morte, implicam num “ato biográfico”, definido pela necessidade que indivíduos e comunidades têm de atribuir significados especiais e relevância às suas experiências, ao mesmo tempo que desejam transmitir à posteridade uma memória positiva dessas experiências (Artieres, 1998; Ribeiro, 1998; Gomes, 2004).

Ao escolher guardar determinados registros de sua vida, em detrimento de outros, o produtor do acervo, um intelectual, estava determinando a trajetória biográfica por meio da qual gostaria de ser reconhecido. Com efeito, como assinala Artieres (1998, p. 11), “não arquivamos nossas vidas [...] de qualquer maneira [...] fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência, omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens”. Os vestígios materiais que compõem o acervo de Edson Diniz constituem suportes

materiais de uma escrita de si, materializando, assim, sua história e fomentando sua identidade como etnólogo amazônico. Por opção metodológica, é por meio desse acervo, ou melhor, de parte dele, considerando que o “biógrafo” também faz suas escolhas (Schwarcz, 2013), que aspectos da vida e obra de Edson Diniz serão apresentados.

O etnólogo e sua trajetória: apontamentos

Edson Diniz nasceu em 18 de maio de 1934, no Distrito do Lago Grande do Curuaí, município de Santarém, Pará. Foi um dos 14 filhos do Sr. José Augusto Diniz e da Sra. Esmerinda Soares Diniz. Iniciou o curso primário na cidade de Óbidos em 1943. Em 1952 concluiu o curso ginásial no “Ginásio Dom Amando” em Santarém. Após concluir seus estudos no interior paraense, mudou-se para a capital, Belém, onde, no ano de 1955, terminou o então curso científico no Colégio Paes de Carvalho. Em 1957 iniciou a formação superior na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA), concluindo o curso de Bachareladoⁱ em Ciências Sociais em 1959 (Diniz, 2018).

Durante sua formação pela UFPA teve a oportunidade de atuar como bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) junto ao Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG)ⁱⁱ, entre os anos de 1958 e 1959, momento em que enveredou para os estudos da Etnologiaⁱⁱⁱ. Naquele contexto, o MPEG contava com a colaboração de profissionais reconhecidos no campo antropológico, como Paul Hilbert (1932-2007) e Protásio Frike, estudiosos de fragmentos arqueológicos na área onde se localiza o município de Oriximiná, região oeste do estado do Pará (Hilbert, 2009). Também, Charles Wagley e Eduardo Galvão, reconhecidos por seus estudos de comunidades amazônicas, a exemplo de suas pesquisas sobre os *Tenetehara* em 1949 (Oliveira; Maio, 2011; Wagley; Galvão, 1949).

A interlocução com esses estudiosos influenciou a trajetória de Diniz na Antropologia. Uma de suas obras mais conhecidas, “Os Tenetehara-Guajajara e a Sociedade Nacional: Flexibilidade Cultural e Persistência Étnica” é dedicada à memória de Galvão e Wagley, aos quais Diniz se refere como “pessoas muito queridas” cujas pegadas havia seguido e às quais muito devia intelectualmente, destacando seu pioneirismo nos estudos etnológicos daquele grupo indígena (Diniz, 1994). Na nota explicativa que antecede a apresentação do livro, Diniz salienta que

a publicação se baseia fundamentalmente nas pesquisas de campo iniciadas por Wagley e Galvão na década de 1940. A referência aos dois mestres é registrada nos seguintes termos:

A convivência direta com Eduardo Galvão, desde agosto de 1955 até fevereiro de 1970 no Museu Goeldi, foi marcante. Mesmo após esse período, quando fomos trabalhar em São Paulo, nossa correspondência sempre foi cordial. Charles Wagley, por sua vez, sempre demonstrou consideração e apreço por nós. Em 1966 convidou-nos, como Visiting Scholar, para o Departamento de Antropologia da Columbia University que, infelizmente, não nos foi possível aceitar. Finalmente, em 1987, pudemos conviver na University of Florida, no Center for Latin American Studies. Nesta oportunidade, em Gainesville, o casal Cecília e Charles Wagley foram de grande amabilidade e gentileza para conosco. A dedicatória é uma singela e pálida homenagem a esses dois ilustres etnólogos, dedicados à causa da Etnologia Brasileira. O nosso débito para com eles é, realmente, por demais, volumoso para ser expresso em palavras (Diniz, 1994, p. ix).

Após suas primeiras incursões na pesquisa antropológica no MPEG, Diniz viajou ao Rio de Janeiro onde prestou seleção para ingressar no curso de pós-graduação *lato sensu* do Conselho Nacional de Pesquisa. Tendo sido aprovado, participou do Curso de Teoria e Pesquisa em Antropologia Social no ano de 1960, sendo o único nortista a compor o corpo discente naquele contexto.

O curso foi ofertado pelo Museu Nacional em convênio com o Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Brasil (Rio de Janeiro). Neste curso de formação antropológica teve a oportunidade de dividir a sala de aula, conviver e trabalhar com antropólogos(as) como Roberto Damatta e Roque Laraia (Laraia, 2014).

Em uma entrevista, Roque Laraia informa os nomes dos(as) pesquisadores(as) que compuseram esta turma pioneira do curso de pós-graduação em “Teoria e Pesquisa em Antropologia Social”. Os selecionados foram: Roque Laraia, Roberto da Matta, Alcida Ramos, Edson Diniz, Hortência Caminha e Odília Benvenuti. Ainda na mesma entrevista, Roque Laraia afirma que estas duas últimas foram as pessoas que não continuaram na Antropologia. E que Edson havia sido assistido por Eduardo Galvão, mentor e colega de trabalho no MPEG (De Lima, Pinto, 2001).

Assim, a partir desta sua formação, orientado por Roberto Cardoso de Oliveira, Edson começava a pavimentar seu caminho como etnólogo, compondo um corpo teórico de estudos brasileiros voltados para o estudo de “Áreas de Fricção Interétnicas”, uma abordagem dedicada ao estudo das culturas nativas, a partir das

relações de poder e seus desdobramentos entre: os indígenas e camponeses não indígenas em territórios de assentamentos indígenas (Oliveira, 1967).

Em dezembro de 1971 doutorou-se em Antropologia, com tese intitulada “Os Índios Macuxí do Roraima: sua instalação na sociedade nacional”, também sob orientação de Roberto Cardoso de Oliveira. Em setembro de 1976, foi aprovado Professor Livre Docente em concurso público de provas, títulos e defesa da tese, “Dependência e Destino: os Terena e os Guarani do Arirabá” junto à UNESP, campus Marília, instituição pela qual se aposentou como professor titular em março de 1991.

Após breves passagens pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e pelo CNPq, Diniz retornou ao Museu Emílio Goeldi em agosto de 1993, tendo exercido ali suas atividades de pesquisador até 18 de maio de 2004 quando foi aposentado compulsoriamente ao completar 70 anos, de acordo com a legislação em vigor na época.

Sua produção pode ser acessada na Plataforma Lattes,^{iv} onde se registra 38 trabalhos publicados entre artigos, livros e periódicos; 29 atuações profissionais; 5 prêmios e títulos; 43 apresentações em eventos; 5 consultorias; 19 trabalhos técnicos; participação em 3 bancas, sendo duas de doutorado e uma de mestrado; 9 bancas de concurso público; palestras em 14 eventos; e orientação de uma tese de doutorado. Além da obra sobre os *Tenetahara-Guajajara*, já mencionada, destacam-se aqui outras publicações autorais resultantes das pesquisas em comunidades indígenas: “Os índios Makuxi do Roraima: sua instalação na sociedade nacional”, livro publicado pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), em 1988; “Uma reserva Indígena no Centro -Oeste Paulista: aspectos das relações interétnicas e intertribais”, publicado pela Universidade de São Paulo (-USP), no ano de 1978; e “Nota sobre Terra Indígena Awá-Guajá: Incoerências Institucionais”, artigo publicado no Boletim do MPEG, em 2005, baseado em documentação sobre as incoerências e contradições envolvidas no processo demarcatório da terra indígena homônima, o qual, naquele contexto, já se estendia por duas décadas (Diniz, 2005).

Edson Diniz faleceu em 19 de outubro de 2012. Sua morte foi anunciada, em nota, por duas entidades associativas das quais fazia parte: a Associação Brasileira de Antropologia^v (ABA) e Ordem dos Advogados do Pará^{vi} (OAB - PA). Porém, como ele desejava, sua trajetória de vida ficou registrada em seu acervo pessoal, especialmente sua atuação no campo antropológico, o qual será apresentado a

seguir.

O acervo: sua movimentação e acesso

Após o falecimento de Edson, em 2012, seus filhos deslocaram os materiais que haviam em seu escritório em Belém-PA e os localizados na residência de sua filha em Capanema-PA; reunindo-os na residência de seu filho mais velho, em Belém-PA. Não houve arrolamento ou inventário previamente elaborado por Edson, ou seus familiares. No processo de pesquisa para produção deste artigo, o contato inicial com o acervo se deu nesta residência, onde é possível visualizar na Figura 1, um acondicionamento bastante improvisado após a mudança. Caixas de papelão e pastas-arquivo e caixas empilhadas, armazenavam respectivamente materiais bibliográficos (livros de autoria dele, publicações acadêmicas e literárias), documentos diversos (cadernos de campo, relatórios, mapas, artefatos recebidos como presentes em suas incursões a campo, além de diplomas, cartas e heredogramas).

Figura 1 – Primeiro armazenamento e acondicionamento do acervo



Fonte: Arquivo pessoal Edson Diniz

Após este primeiro arranjo improvisado (Figura 1), atendendo a um de seus desejos, manifestado em vida, um dos netos de Edson assumiu a responsabilidade pelo acervo, providenciando a aquisição de prateleiras metálicas, organizando os arquivos e livros por espécies e temas e higienizando-os durante o processo. O acervo permaneceu em condições razoáveis de acondicionamento até a venda do imóvel em 2016, ocasião que provocou um novo deslocamento e, por conseguinte, a dissipação de alguns materiais.

Nesse processo, para tentar salvaguardar ao menos uma parte do acervo, o material bibliográfico foi selecionado com a finalidade de manter-se cópias de suas publicações, priorizando-se livros e periódicos considerados raros e relevantes na composição de sua formação profissional; arquivos associados às suas pesquisas e de valor afetivo. Ao mesmo tempo, separou-se para doações, obras de grande tiragem, além das publicações editadas mais recentemente. Todos os documentos encontrados, envolvendo dados pessoais e de pesquisa, assim como seus artefatos, foram recolhidos para fins de preservação e salvaguarda no contexto familiar.

Em sua configuração atual, o acervo pessoal de Edson encontra-se dividido entre a residência do neto responsável pelos documentos pessoais, livros autorais e algumas publicações como: boletins e periódicos (alguns com dedicatórias). Já na residência de seu filho mais novo, estão livros relacionados às referências bibliográficas de Edson Diniz, e boletins do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). Por fim, na residência de sua cunhada, onde há um espaço maior, encontra-se a parte mais volumosa do acervo documental e os artefatos de grande porte^{vii}, ilustrados na Figura 2.

Figura 2 – Armarias Indígenas



Fonte: Arquivo pessoal Edson Diniz

Esses artefatos (Figura 2) integravam uma coleção de objetos doados por habitantes das comunidades amazônicas estudadas por Edson Diniz no contexto de suas pesquisas de campo, às quais se somavam outros itens, como plumária e mobiliário artesanal, expostos em sua residência.

Considerando a possibilidade de viabilizar o acesso ao acervo de Edson Diniz, o familiar incumbido por ele do cuidado póstumo com a documentação, passou

a realizar pesquisas, inicialmente no site de busca *Google*^{viii}, utilizando o termo “Edson Diniz” como descritor, a fim de identificar os contextos históricos de produção desses documentos, verificando aproximações com referências do campo histórico, museológico, antropológico e arquivístico. Reconhece-se que a fragmentação de parte dos arquivos pessoais de Edson Diniz compromete a integridade e o sentido de alguns dos documentos, uma vez que distanciado de seu contexto (ou conjunto), seu real significado se torna obscurecido (Silva, 2016). Porém, fragmentos de informações, advindos de fontes orais e escritas viabilizaram a recuperação de significados dos documentos preservados. Essa preocupação com a recuperação do conteúdo informacional do acervo justifica-se por algumas lacunas, como a falta de identificação de determinadas fotografias, impossibilitando, num primeiro momento, o conhecimento do contexto de sua produção.

Posteriormente, foram realizados levantamentos bibliográficos relacionados à linha de estudos e de pesquisas de Edson Diniz, as “áreas de fricção interétnicas”^{ix}. Os procedimentos realizados no acervo referem-se ao seu mapeamento, identificação (visitas aos locais de guarda) e seleção, para fins de registro (anotações e fotografias). Tais procedimentos revelam uma preocupação da família em estabelecer um sentido de coerência e unidade aos materiais acumulados por Edson Diniz, conforme uma intenção, explícita ou não, de demonstrar sua relevância no campo antropológico brasileiro e amazônico.

Para os fins deste artigo, não se elencou uma espécie documental específica para análise, optando-se por explorar documentos que estabelecem diálogo extrínseco e intrínseco com a produção de Edson. Assim, foram selecionados dois exemplares de três espécies documentais: correspondências; dois diários de campo; e dois recortes de jornais. Essa seleção considera sua representatividade na trajetória profissional de Edson Diniz.

Na definição dessa representatividade, aplicou-se o Método da Análise Documental (Pimentel, 2001) com o intuito de compreender o contexto, a autoria, a data de produção e os possíveis significados subjacentes. Também se considerou as relações entre os documentos, identificando padrões, inter-relações e diálogos com recuperações informacionais obtidas na primeira página de resultados do site de busca *Google.com*. que apontou resultados ligados às instituições acadêmicas, etnológicas/antropológicas nas quais Edson circulou e às comunidades indígenas por ele pesquisadas.

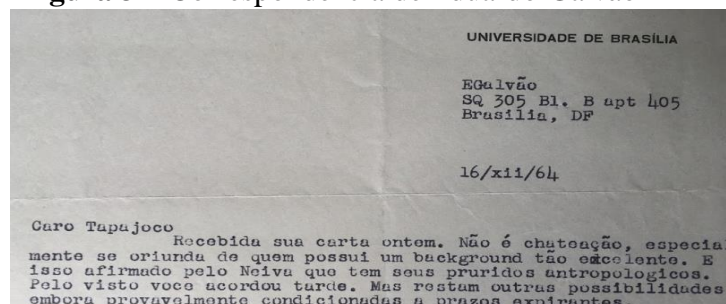
A interpretação dos documentos envolveu uma análise crítica, relacionando-os ao contexto histórico, social e cultural em que Edson Diniz atuou. Assim, concluiu-se que os documentos selecionados podem constituir fontes históricas para a compreensão do conhecimento etnológico na região amazônica, além de se intercruzarem com uma memória regional e nacional científica da área. Seja para tornar-se objetos de investigação histórica, seja para atender a um possível anseio do produtor de ser reconhecido pela posteridade como alguém notável em sua área de atuação profissional, a divulgação desses documentos é fundamental.

Correspondências

Conforme apontado pela bibliografia especializada em gêneros biográficos, no contexto de produção de uma memória de si, a prática epistolar ocupa um *locus* privilegiado (Gomes, 2004; Venâncio, 2004; Artieres, 1998). Segundo Venâncio (2004, p. 113) as cartas “funcionam como uma via privilegiada para investigar relações pessoais porque permitem distinguir marcas de relações mútuas”, podendo revelar aspectos até então ignorados da trajetória do indivíduo que as escreve, bem como desvelar suas redes de sociabilidade.

As correspondências trocadas entre Edson Diniz e outros pesquisadores revelam colaborações e debates acadêmicos que foram influentes em sua formação. Essas cartas documentam não apenas comunicações fraternais, mas também as redes de conhecimento das quais ele fez parte, compondo suas escolhas “do que guardar” (Funari, 2016; Menezes, 1998). Entre as correspondências selecionadas por ele para fazer parte de seu acervo pessoal, destacam-se as cartas de Eduardo Galvão (Figura 3) e Claude Lévi-Strauss (Figura 3), duas referências da antropologia nacional e internacional, cujas contribuições foram essenciais para o desenvolvimento da disciplina.

Figura 3 – Correspondência de Eduardo Galvão



Fonte: Acervo pessoal Edson Diniz

Eduardo Galvão (1921-1976) foi um antropólogo brasileiro de grande influência, pioneiro nos estudos etnológicos na Amazônia. Destaca-se sua atuação como pesquisador e diretor da Divisão de Antropologia do Museu Paraense Emílio Goeldi no período de 1961 a 1962. Por meio de seu trabalho e mentoria, desempenhou um papel emblemático no desenvolvimento e expansão do campo antropológico no Brasil, auxiliando na formação de novos pesquisadores na área. (Scaff, 1976), inclusive Edson Diniz, que estabeleceu os primeiros contatos com ele quando iniciou suas atividades como bolsista de iniciação científica naquela instituição em 1958.

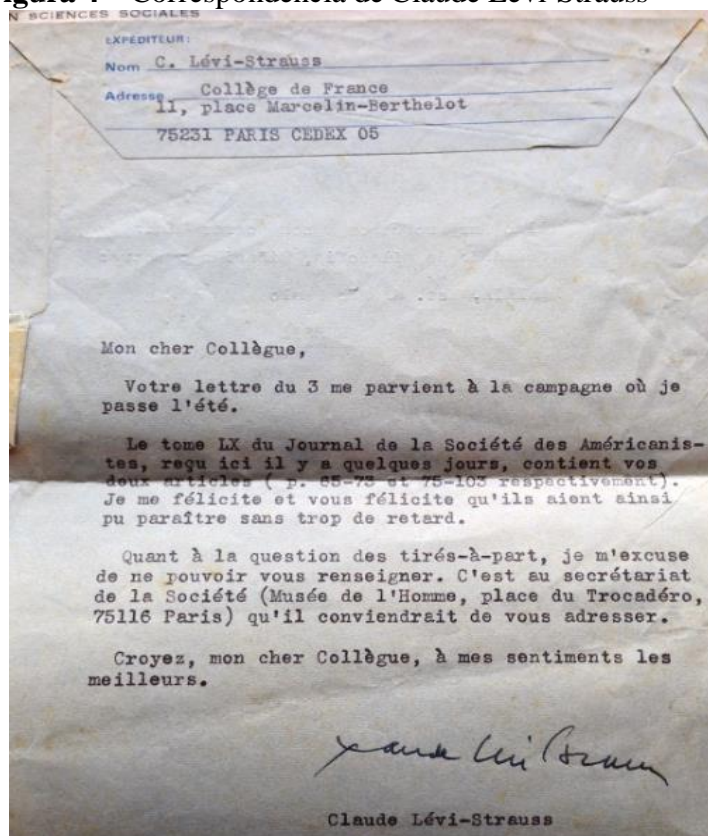
As pesquisas de Eduardo Galvão seguiram a linha teórica da antropologia cultural, com foco no indigenismo brasileiro, especificamente na região ecológica denominada Pré- Amazônia Maranhense^x, onde se encontram os *Tenetehara-Guajajara*, sobre os quais ele escreveu a obra “Os índios Tenetehara (Uma cultura em transição)”, em coautoria com Charles Wagley no ano de 1961 (Arnaud, 1981; Scaff, 1976).

Assim, a carta de Eduardo Galvão (Figura 4), datada de 16 de dezembro de 1964, reflete uma comunicação cordial e de respeito que parece ir além de uma comunicação formal entre colegas acadêmicos. Galvão começa utilizando o vocativo “Caro Tapajoco”,^{xi} indicando conhecer a naturalidade de Edson Diniz, ao dirigir-se a ele por meio de um de seus apelidos familiares. A confirmação do recebimento prévio de uma carta de seu interlocutor sugere a existência de uma troca epistolar entre ambos os antropólogos, insinuando uma dinâmica colaborativa e crítica, comum entre pares no meio acadêmico, por reforçar uma atmosfera profissional de cooperação.

A relação de “discípulo” que Edson Diniz possuía com Galvão, foi fundamental para o desenvolvimento das suas próprias pesquisas e para a consolidação do estudo das culturas amazônicas no panorama acadêmico da Antropologia (Ramos, 2018).

Em seguida, apresenta-se a carta de Claude Lévi-Strauss (1908 - 2009) (Figura 5), renomado antropólogo francês e um dos fundadores do estruturalismo antropológico. Lévi- Strauss é conhecido por suas extensas pesquisas sobre as culturas indígenas da América do Sul e suas teorias sobre a estrutura das sociedades humanas (Perrone-Moisés, 2008).

Figura 4 – Correspondência de Claude Lévi-Strauss



Fonte: Acervo pessoal Edson Diniz

Esta carta (Figura 4), datada do ano de 1973, é dirigida a Edson Diniz e revela uma interação cordial e profissional entre os dois acadêmicos. Lévi-Strauss começa mencionando que recebeu a carta de Diniz enquanto estava em campo, expressando satisfação com a publicação dos artigos deste na revista da *Société des Américanistes*. A carta também trata de uma questão prática sobre os *tirés-à-part* (reimpressões de artigos), mostrando a disposição de Lévi-Strauss em ajudar, apesar de recomendar que Diniz entre em contato com o secretariado da revista para obter mais informações.

Essa interação demonstra como Diniz estava inserido em uma rede de pesquisadores de renome, contribuindo ativamente para o campo da Antropologia e dialogando com as principais teorias e metodologias da época. Além da colaboração profissional entre os dois pesquisadores, evidente na menção ao recebimento de uma correspondência anterior, essa correspondência destaca a pertinência das publicações de Edson Diniz, razão mais do que justificável para que este a guardasse como parte de uma memória de si.

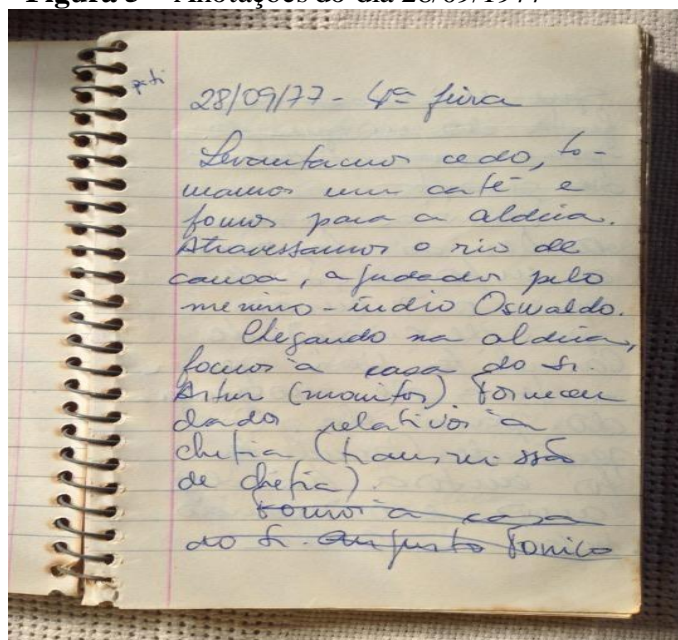
Por certo, o apoio dos pesquisadores Lévi-Strauss e Eduardo Galvão fortaleceu o trabalho de Edson Diniz, proporcionando-lhe arcabouços teóricos-metodológicos que influenciaram suas próprias pesquisas sobre as culturas

indígenas da Amazônia, ajudando-o a entender e a interpretar as complexas relações sociais e culturais dessas comunidades.

Cadernos de campo

Cadernos de campo constituem o suporte e instrumento de trabalho dos antropólogos, em que “observações e narrativas relatadas e registradas sobre o ‘outro’ se cruzam com o registro pessoal do pesquisador” (Charlon, 2010), sendo essenciais na construção do texto etnográfico. Por serem produzidos de próprio punho, aproxima-se de outras práticas de escrita de si, como os diários e as autobiografias. Em seus cadernos de campo, dos quais se apresentam excertos, na Figura 5 e Figura 6, Edson Diniz anotou tanto registros de sua rotina de pesquisa em campo como observações e comentários acerca de seus objetos de estudo. Tais anotações se desdobravam no processo de escrita formal sobre as práticas culturais, sociais e econômicas das comunidades indígenas que pesquisava, resultando em publicações como seu livro "Os Tenetehara-Guajajara e a sociedade nacional: flexibilidade cultural e persistência étnica" (Diniz, 1994).

Figura 5 – Anotações do dia 28/09/1977



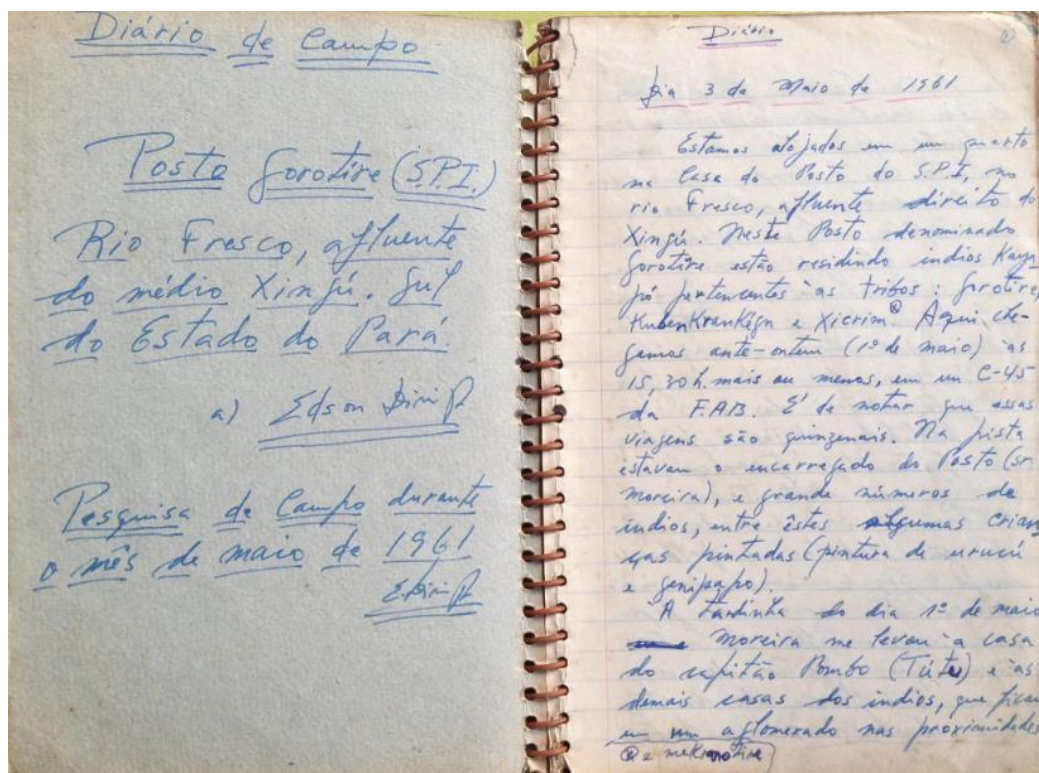
Fonte: Arquivo pessoal Edson Diniz

Nesse trecho de um de seus cadernos de campo, Edson Diniz revela uma rotina típica de trabalho de campo, consistente com a prática etnográfica, que combina a imersão no cotidiano do trabalho de campo, com a importância de um

registro fiel e abrangente das observações (Oliveira, 1996). Sua nota sobre a transmissão de chefia revela tanto a complexidade das estruturas de liderança na comunidade visitada, quanto indica um interesse específico no segmento político da aldeia (Oliveira, 1996).

O outro excerto de caderno de campo (Figura 6), registra sua presença no “Posto Gorotire”, vinculado ao antigo Serviço de Proteção aos Índios (SPI),^{xii} em maio de 1961. A área mencionada localiza-se ao sul do estado do Pará, rio Fresco, situado no médio Xingu.

Figura 6 – Diário de campo 03/05/1961



Fonte: Arquivo pessoal Edson Diniz

A folha da direita (Figura 6) contém anotações sobre a residência de indígenas *Kayapó* situados neste posto. Estes indígenas dividiam-se em três grupos étnicos: *Gorotire*, *Kuben- Kran-Kegn*, e *Xicrim*. Apesar da anotação de Edson Diniz datar de 03/05/1961, seu registro indica ter chegado ao Posto *Gorotire* no dia 01/05/1961 em um avião da Força Aérea Brasileira, indicando a frequência quinzenal de voos feitos ao local.

Além de mencionar sua recepção, feita pelo Sr. Moreira, encarregado do posto, descreve crianças indígenas próximas, com pinturas corporais de tintas feitas de urucum e jenipapo. O antropólogo menciona, ainda, ter sido levado à casa do

“capitão” Tutu Pombo, figura sobre a qual é pertinente tecer algumas considerações. Tutu Pombo foi um personagem polissêmico. Em 1975, no contexto oportuno de uma cisão provocada pela morte dos caciques de uma das aldeias Gorotire, ele fundou uma nova aldeia chamada Kikretum. Nos anos 1980 esteve envolvido em diversos conflitos com seu parente mais conhecido, o cacique Raoni, com quem tinha divergências relacionadas a gestão e uso dos recursos naturais dos territórios indígenas, como as madeiras nobres e minérios. Ocupou o noticiário por diversas vezes devido a sua relação, considerada extravagante, com os bens de consumo adquiridos por meio das transações comerciais com garimpeiros e madeireiros (Passos, 2016; Trevisan, 1992).

O trecho aqui destacado revela aspectos das interações de Edson Diniz com os indígenas e da dinâmica do posto visitado. Estes registros não apenas fornecem informações para a antropologia, mas também refletem fragmentos históricos de iniciativas governamentais para integração e “civilização” de grupos indígenas. O próprio título de “capitão” pelo qual Diniz se refere a Tutu Pombo no caderno de campo representava uma estratégia adotada pelo SPI para “brasilianizar” as lideranças indígenas (Trevisan, 1992, n.p.).

Recortes de jornais e seus entrelaces

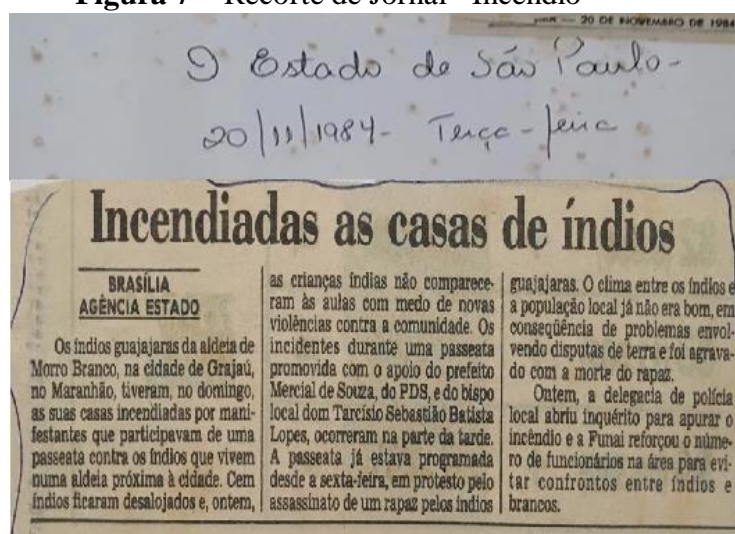
A guarda de recortes de jornal é uma prática social que implicitamente carrega não só qualidades informacionais, mas também sentidos históricos. Seus usos manifestam-se de diversas formas ao longo da vida dos indivíduos. Desde atividades escolares na infância até a preservação de materiais profissionais na vida adulta, essa prática reflete interesses intelectuais, políticos e culturais. A prática de guarda desses recortes e sua variedade de usos, aproxima-os de uma prática social compartilhada, que se repete nos arquivos, especialmente nos de natureza pessoal (Campos, 2021).

Os recortes de jornais aqui apresentados são representativos como fontes documentais para as pesquisas de Edson Diniz. Além de seu conteúdo informacional atender aos seus interesses de investigação, as Figuras 7 e 8 revelam dados sobre as relações sociais e culturais da época em que as matérias jornalísticas foram produzidas.

A Figura 7, abaixo, trata-se de um recorte do jornal “O Estado de São Paulo” descrevendo um incêndio intencional ocorrido nas residências de indígenas

Guajajara que se localizavam na aldeia de Morro Branco, localizada na cidade de Grajaú, no estado do Maranhão.

Figura 7 – Recorte de Jornal - Incêndio



Fonte: Arquivo pessoal Edson Diniz

Neste recorte (Figura 7), feito por Edson Diniz, a matéria destaca não apenas o evento em si, mas também as suas implicações sociais e culturais, como indicado nos trechos: “Com índios ficaram desalojados, e ontem, crianças indígenas não compareceram às aulas com medo de novas violências contra a comunidade”; “A passeata já estava programada desde a sexta- feira, em protesto pelo assassinato de um rapaz pelos índios guajajaras”. Este registro evidencia a preocupação de Edson Diniz com os eventos que se relacionavam diretamente às suas pesquisas de fricções interétnicas (Diniz, 1994). Todavia, para além desse aspecto em particular, a narrativa do incêndio ilustra a polissemia de políticas que não respeitavam as dinâmicas sociais e culturais de uma região (Batista, 2019; Aragón, 2013; Freire, 2016).

Por sua vez, o recorte de jornal ilustrado pela Figura 8, tem um destaque feito por Edson Diniz, no trecho da matéria onde se relatava sobre o incêndio causado pela população de Grajaú-MA, isto é, o mesmo fato descrito no recorte anterior, porém em um periódico diferente.

Figura 8 – Recorte de Jornal - Destaque a notícia sobre os *Guajajara*



Fonte: Arquivo pessoal Edson Diniz

O teor deste recorte (Figura 8) sublinha o levantamento de informações e subsídios para as pesquisas de Edson Diniz. Seu interesse neste destaque relaciona-se com suas produções, vide seu livro “Os Tenetehara-Guajajara e a sociedade nacional: flexibilidade cultural e persistência étnica” (Diniz, 1994).

Os registros aqui apresentados, recortes de jornal, cadernos de campo, e cartas, parte da massa documental acumulada por Diniz inscrevem-se em um cenário mais amplo, ligado à história dos estudos indigenistas brasileiros. Somada às redes de contato que Edson Diniz construiu durante sua carreira, percebe-se o alcance de suas pesquisas, e o impacto social dos contextos com os quais convivia, vistos em suas anotações de campo e nas matérias de jornais. Assim, estes registros apresentados refletem parte dos procedimentos de pesquisa, seus critérios a partir de seus enfoques, e sua abordagem imersiva, buscando entender a organização social, elementos culturais e conflitos ocorridos com os indígenas.

Certamente, conhecer as primeiras inserções acadêmicas de Edson Diniz, desde sua graduação até suas pesquisas de campo, como etnólogo atuante, possibilitou compreender a presença e relações destes itens de seu acervo, como o resultado de uma escrita de si, que ao mesmo tempo, dialoga com diversos registros dos sujeitos das suas redes de sociabilidade, sejam pessoais ou profissionais, constituindo, desse modo, um testemunho e uma memória dessas trocas.

Além das cartas, artefatos de cultura material indígena e recortes de jornais, Edson acumulou outros documentos resultantes de sua participação em eventos científicos importantes como os encontros da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Ciente do potencial informacional dessa documentação, sua família

manifestou recentemente o desejo de doar o acervo a uma instituição arquivística. Nesse sentido, está em curso uma interlocução com o Centro de Memória da Amazônia^{xiii}, órgão que tem recebido acervos pessoais de intelectuais e políticos paraenses.

Em suma, o recolhimento do acervo por uma instituição especializada promoveria não só a sua difusão, mas também a preservação adequada dos documentos e objetos para posteriores acessos de indivíduos do meio acadêmico, de comunidades indígenas, ou de seus familiares.

Considerações finais

O percurso profissional de Edson Diniz na etnologia amazônica pode ser rememorado em parte de seu acervo pessoal, oferecendo uma janela temporal particular, que se insere na história da antropologia na região. Mais do que um conjunto ordenado de documentos, esse acervo é ilustrativo de uma vida dedicada aos estudos e a documentação de complexas dinâmicas culturais e sociais da Amazônia.

A incorporação de perspectivas de um indivíduo nascido na região amazônica, território em que também construiu seu percurso profissional como pesquisador, denota a alteridade de alguém que dedicou sua carreira aos estudos de comunidades nativas, em meio a controversas políticas de “integração nacional”. Nesse sentido, seus registros das transformações sociais e culturais ocorridas na Amazônia durante a segunda metade do século XX, podem constituir fontes importantes para a compreensão dos contextos contemporâneos das comunidades indígenas estudadas. Isto é particularmente relevante num momento em que tem se discutido no âmbito dos poderes judiciário, legislativo e executivo a tese jurídica do marco temporal.

A trajetória de Edson Diniz, entrelaça-se, assim, com a história recente da Amazônia. Nesse sentido, suas experiências privadas e sua atuação no espaço público se conectam em uma perspectiva dialógica. A pesquisa evidenciou que, conforme cada documento de seu acervo vai sendo acessado, mesmo que de forma não linear, tramas de conteúdos correlatos se entrecruzam, fazendo emergir as visões que ele tinha de si mesmo, mas também as marcas deixadas pelos seus interlocutores em suas diversas vivências cotidianas. Em suma, acredita-se que as histórias e memórias de Edson Diniz, informadas pelo seu acervo pessoal, podem contribuir de modo significativo com o conhecimento e a valorização da diversidade

cultural da região amazônica.

Referências

- ARNAUD, Expedito. Os estudos de Antropologia no Museu Emílio Goeldi. *Acta Amazonica*, v. 11, n. 1 Suppl 1, p. 137-148, 1981. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aa/a/QZ7nLJt9YZmRcZdPYzXYB4Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2061>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- AVELAR, Alexandre de Sá. A retomada da biografia histórica. *Oralidades: Revista de História Oral*, São Paulo, n. 1, jan./jun., 2007. Disponível em: https://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/2019-09/Oralidades%202_0.pdf#page=45. Acesso em: 10 ago. 2024.
- BATISTA, Iane Maria da Silva Batista. O 1º Plano Quinquenal de Desenvolvimento da SUDAM (1967-1971) e o desflorestamento na Amazônia. *Revista Jamaxi*, v. 4, n. 2, p. 69-87, Jul-Dez, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/article/view/5596>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v. 45, n. 2, p. 26-39, 2009. Disponível em: <http://arquivistica.fci.unb.br/wp-content/uploads/tainacan-items/476350/820143/2009-2-A02.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- CAMPOS, José Francisco Guelfi. Recortes de jornal em arquivos: origens de uma prática social. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 52-75, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/104112>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- CHARLON, Maria de Lourdes Patrini. Os cadernos de campo de Roger Bastide. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 53, p. 85-119, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/viewFile/24118/16149>. Acesso em: 11 ago. 2024.
- DE LIMA, Edilene Coffaci; PINTO, Márnio Teixeira. Roque de Barros Laraia - Entre a Antropologia e o Indigenismo: Reflexões sobre uma Trajetória. *Campos - Revista de Antropologia*, [S.l.], v. 1, p. 147-165, dez. 2001. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/1557>. Acesso em: 02 ago. 2024.
- DINIZ, Edson Soares. *Os Tenetehara-Guajajara e a sociedade nacional: flexibilidade cultural e persistência étnica*. Belém: Universidade Federal do Pará/CNPq, 1994.
- DINIZ, Edson Soares. Nota sobre Terra Indígena Awá-Guajá: Incoerências Institucionais. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi*, série Ciências Humanas,

Belém, v. 1, n. 1, p. 129- 135, jan-abr. 2005.

DINIZ, João Vitor Corrêa. *Documentos herdados: um estudo a partir do acervo Edson Diniz sobre o grupo Thenetehara-Guajajara*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) - Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

Disponível em: <https://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/2239>. Acesso em: 30 jul. 2024.

Edson Soares Diniz - *Biblioteca Digital Curt Nimuendajú*. Disponível em: <http://www.etnolingustica.org/autor:edson-diniz>. Acesso em: 31 jul. 2024.

Edson Soares Diniz - *Periódicos Capes*. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov.br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?q=Edson+soares+Diniz>. Acesso em: 31 jul. 2024.

Edson Soares Diniz. Currículo Lattes. CNPq, 2024. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8073401089041458>. Acesso em: 31 jul. 2024.

FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. *O serviço de proteção aos índios*. Brasília: FUNAI, 2016. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/o-servico-de-protecao-aos-indios/>. Acesso em: 12 ago. 2024.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. *Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

GOMES, Angela Maria de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Editora FGV, 2004.

HILBERT, Klaus. Uma biografia de Peter Paul Hilbert: a história de quem partiu para ver a Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, v. 4, p. 134-154, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/nD7gx3thrw38mYrF8yGJNBG/?lang=pt#>. Acesso em: 9 ago. 2024.

In Memoriam. Falecimento de Edson Soares Diniz (19/10/12). Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Disponível em: <https://portal.abant.org.br/in-memoriam/#:~:text=Falecimento%20de%20Edson%20Soares%20Diniz,onde%20vivia%20co%20m%20sua%20fam%C3%ADlia>. Acesso em: 24 jul. 2024.

Instituto Questão de Ciência Observatório | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: <https://iqc.org.br/observatorio/enciclopedia/conselho-nacional-de-desenvolvimento-cientifico-e-tecnologico-cnpq/#:~:text=O%20Conselho%20Nacional%20de%20Pesquisas>. Acesso em: 31 jul. 2024.

LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LARAIA, Roque de Barros. O legado da Antropologia brasileira: relato de Roque de Barros Laraia. *Horizontes Antropológicos*, v. 20, p. 361-376, 2014. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/TjCJsPkzXFSwGVbcrXqmtHn/?lang=pt>. Acesso em: 22 jul. 2024.

MENEZES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *Revista Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2067/1206>. Acesso em: 01 ago. 2024.

Museu Paraense Emílio Goeldi: o museu da Amazônia. Mcti.gov.br, 2018. Disponível em: <https://repositorio.mcti.gov.br/handle/mctic/5044>. Acesso em: 11 ago. 2024.

Nota de Falecimento. OAB PA, 2012. Disponível em: <https://oabpa.org.br/noticias/nota-de-falecimento-1>. Acesso em: 24 jul. 2024.

NIMUENDAJÚ, Curt. Os Tapajó. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 10, n. II, p. 93-106, 1949. Disponível em: <http://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/1182>. Acesso em 01 ago. 2024.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. *Revista de Antropologia*, v. 39, n. 1, p. 13–37, 1996. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41616179>. Acesso em: 02 ago 2024.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Problemas e hipóteses relativos à fricção interétnica: sugestões para uma metodologia. *Revista do Instituto de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 41-91, 1967. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aoliveira-1967-problemas/Oliveira_1967_ProblemasEHipotesesFriccaoInteretnica.pdf. Acesso em: 12 ago. 2024.

OLIVEIRA, Nemuel da Silva; MAIO, Marcos Chor. Estudos de comunidade e ciências sociais no Brasil. *Sociedade e Estado*, v. 26, p. 521-550, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/Fz9C56KR7598NZMDrJLv7jM/#:~:text=Os%20Estudos%20de%20Comunidade%20configuram,de%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20minuciosa%20e%20detalhada>. Acesso em: 09 ago. 2024

PASSOS, João Lucas Moraes. “*Ibê Kupatô*”: histórias de um velho mēbêngôkre (kayapó). 2016. 89 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais)— Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/12846>. Acesso em: 9 ago. 2024.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. *Antropologia estrutural*. São Paulo: COSACNAIFY, 2008.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 114, p. 179-195, dez. 2001. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000300008&lng=pt&nrm=iso. Acesso: em 02 ago. 2024.

- PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Ciência da informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. In: González de Gómez, Maria Nélide (Org.); Dill Orico, Evelyn Goyannes (Org.). *Políticas de memória e informação*, Natal, p. 111-142, 2006. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/18>. Acesso em: 01 ago. 2024.
- PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 7-16, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/wjzgxRYmBc577pm4QqVfDtb/?lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- RAMOS, Alcida Rita. “Paciência e Resignação”. *Anuário Antropológico*, v. 17, n. 1, p. 15– 22, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6494>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou... *Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, p. 35-42, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2068>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- SANJAD, Nelson Rodrigues. *A coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República: 1866-1907*. 2005. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/6144>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- SCAFF, Luiz Miguel. Eduardo Enéas Gustavo Galvão, 1921 – 1976. *Acta Amazônica*. v. II. n. 4. Dez. 1976. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Ascaff-1976-galvao/scaff_1976_galvao.pdf. Acesso em: 30 jul. 2024.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Biografia como gênero e problema. *História social*, n. 24, p. 51- 73, 2013. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/rhs/article/view/1577>. Acesso em 12 ago. 2024.
- SILVA, Eliezer Pires da; MELO, Mariana Tavares de. A Dispersão de Fundos de Arquivos Pessoais. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 10, p.91- 102, 2016. Disponível em: http://arquivistica.fci.unb.br/wp-content/uploads/tainacan-items/476350/837653/e10_a05.pdf. Acesso em: 01 ago. 2024.
- SOUSA, João Henrique da Costa; GUZMÁN, Décio Marco Antônio de Alencar. A trajetória do Centro de Memória da Amazônia enquanto acervo digital (2008-2021). *VII Seminário Internacional História e Historiografia: escrita da história e políticas da memória*, março, 2024. Disponível em: <https://historiaehistoriografia.ufc.br/posteres/a-trajetoria-do-centro-de-memoria-da-amazonia-enquanto-acervo-digital-2008-2021/>. Acesso em: 01 de junho de 2024.

TREVISAN, Renato. *Cel. Tut-Pombo: a morte de um líder kayapó*. Instituto socioambiental, São Félix do Xingu, p. 1-4, 1992. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/cel-tut-pombo-morte-de-um-lider-kayapo>. Acesso em: 12 ago 2024.

WAGLEY, Charles; GALVÃO, Eduardo. *The Tenetehara Indians of Brazil: culture in transition*. New York, n. 35, p. 2-185, 1949.

Artigo recebido em 12/08/2024.

Aceito para publicação em 07/10/2024.

Editor(a) responsável: Edson Tadeu Pereira.

ⁱ Edson Diniz também cursou a faculdade de Direito na Fundação Eurípedes Soares da Rocha, no período de 1978 a 1980.

ⁱⁱ O Museu Paraense Emílio Goeldi, fundado em 1866, durante as primeiras décadas da república, passou por transformações institucionais, consolidando-se como um importante centro de pesquisas na Amazônia. Sob a direção de Emílio Goeldi (1894-1907), o museu desenvolveu uma vasta produção científica em diversas áreas como zoologia, botânica, etnologia e arqueologia. Concomitantemente, estabelece relações sistemáticas com instituições nacionais (Museu Paulista e Museu Nacional do Rio de Janeiro) e internacionais (Instituto Pasteur e Museu Britânico). Logo, seus pesquisadores realizaram estudos pioneiros sobre a fauna, flora e populações indígenas da região amazônica, contribuindo para o conhecimento científico da época (Sanjad, 2010).

ⁱⁱⁱ A etnologia é um campo de estudo na antropologia cultural e social dedicado à análise comparativa e interpretativa de diferentes culturas e sociedades. Esta disciplina se baseia nos dados e observações coletados através da pesquisa etnográfica, buscando compreender as similaridades e diferenças entre grupos humanos (Laplantine, 1988).

^{iv} Atualizado pela última vez no ano de 2006 (Currículo Lattes, 2024). Currículo disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8073401089041458>.

^v Disponível em: <https://portal.abant.org.br/in-memorian/#:~:text=Falecimento%20de%20Edson%20Soares%20Diniz,onde%20vivia%20com%20su%C3%ADlia>. Acesso 02 ago. 2024.

^{vi} Disponível em: <https://oabpa.org.br/noticias/nota-de-falecimento-1>. Acesso 02 ago. 2024.

^{vii} Arcos, flechas, bordunas, tacapes e lanças.

^{viii} O uso do Google.com deu-se devido ao interesse em recuperar o que fosse possível, não somente artigos. As recuperações mais proeminentes foram: seus dados curriculares no site escavador.com; o trabalho de Diniz (2018) "Documentos herdados: um estudo a partir do acervo Edson Diniz sobre o grupo Tenetehara-Guajajara" presente no site da biblioteca da Universidade Federal do Pará; uma nota de falecimento publicada pela Associação brasileira de Antropologia; alguns de seus trabalhos hospedados na Biblioteca Digital *Curt Nimuendajú*, e no site do Periódicos Capes; utilizando seu nome completo (Edson Soares Diniz) como descritor de busca.

^{ix} Compreende-se como regiões ou contextos em que grupos étnicos distintos entram em contato contínuo e direto, frequentemente em situações de conflito ou tensão (Oliveira, 1967).

^x Assim a região é denominada por Edson Diniz, em seu livro "Os Tenetehara-Guajajara e a Sociedade Nacional: Flexibilidade Cultural e Persistência Étnica" (Diniz, 1994).

^{xi} O apelido faz referência à naturalidade de Edson Diniz, nascido no município de Santarém, localidade onde há registros históricos e materiais dos grupos originários locais, os *Tapajós* (Nimuendaju, 1949). ^{xii} O SPI operou em diferentes formatos até 1967, quando foi substituído pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) (Freire, 2016).

^{xiii} O Centro de Memória da Amazônia (CMA) é uma unidade vinculada à Reitoria da Universidade Federal do Pará (UFPA), dedicada à conservação, organização e disseminação de acervos documentais relevantes para a história da Amazônia, com foco particular no estado do Pará. Sua criação data de 31 de janeiro de 2007, por meio de uma parceria entre a UFPA e o Tribunal de Justiça do Estado do Pará. O acervo do CMA abrange, por exemplo: documentos judiciais, arquivos pessoais

de pesquisadores e escritores paraenses (Sousa, Guzmán, 2024).